

Libertino: Um significante e seu deslizar de sentidos

Sônia Maria Materno de Carvalho*

Abstract

This essay investigates the course of the libertine French movement enrolled among the two great revolutions - the Reform and the French Revolution- going through their different conceptions from the greek *libertinism* to its outlet towards the bourgeois options.

N

Osso trabalho se inicia com indagações: que significa a palavra *libertinagem*? Quem é, de fato, o *homo libertinus*? Por que na França o movimento libertino, inscrito historicamente entre duas grandes grandes revoluções - a Reforma no século XVI e a Revolução Francesa no século XVIII -, termina com a implantação de uma ordem burguesa? Para tentar responder a essas questões

* UFF.

fizemos deslizar o significante **libertino** que se mostrou, em seus três séculos de existência, rico de significações.

Acompanhando o estudo de Rosy Pinhas-Delpuech em "De l'affranchi au libertain, les avatars d'un mot" publicado em *Eros Philosophe. Discours libertins des lumières*, temos: "*les dictionnaires sont d'accord sur un point: libertain vient du latin - libertinus - qui signifie affranchi*"¹. Então, a primeira acepção do termo significa liberado, ou melhor, escravo liberado, o que prova uma citação datada de 1500 do *Traité d'Histoire et de Droit romains*, mencionada no dicionário de Godefroy: "*cil qui de droiturel servage sont franchi par le droit usage, ceulx sont appelez libertins*"².

Ainda, segundo Rosy, a palavra já existia no *Novo Testamento*. Os dicionários *Littre*, *Grand Larousse* e *Larousse Etimológico* fazem referência a uma edição do *Novo Testamento* de 1525, traduzida por Lefèvre D'Étapes:

du grec libertinos, latin libertinorum. Ce semble avoir été une synagogue composée de fils d'affranchis, libertini; cette synagogue était comptée parmi les synagogues formées d'étrangers (Littre)

libertinus, affranchi, mot utilisé dans la langue ecclésiastique de basse époque pour désigner les membres d'une secte juive (dont la doctrine est d'ailleurs mal connue) (Grand Larousse)

*passage mal interprété des Actes des Apôtres, VI, 9, où il est question d'une secte juive de ce nom. (Le Larousse Étymologique)*³

Mas é no *Dicionário de Bloch et Wartburg* que a informação se completa:

*libertinus doit son sens particulier à un passage des Actes des Apôtres VI, 9, où il est question d'une secte juive dite libertinorum, mot dont la valeur exacte n'est pas connue et qui a été interprété comme étant le même mot que le latin libertinus; de là, la traduction 'la synagogue dite des affranchis'*⁴

Percebemos, assim, que o sentido da palavra **libertino** já é múltiplo no início do século XVI, vários significados se destacam: escravo liberado, filho de pessoas liberadas, sinagoga de liberados, judeu e até mesmo estrangeiro. Para Rosy, é, talvez, da má interpretação da passagem do *Novo Testamento*, acima mencionada, que a palavra passou a ser sinônimo de rebeldia em relação à ordem religiosa. Esta idéia será retomada na *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres* (T, IX, p.476) que define assim os libertinos:

*(...) fanatiques qui s'élevèrent en Hollande vers l'an 1528 (...). Ils disent (...) qu'il était licite et même expédient de feindre en matière de religion, et de s'accomoder à toutes les sectes. Ils ajoutaient à cela d'horribles blasphèmes contre Jésus-Christ (...). Ce furent ces maximes qui firent donner à ceux de cette secte le nom de **libertins**, qu'on a pris depuis dans un mauvais sens.*⁵

1 PINHAS-DELPUECH, R. "De l'affranchi au libertain, les avatars d'un mot". In: *Eros Philosophe. Discours libertins des lumières*, p.12.

2 Ibidem, p.12.

3 Ibidem, p.12.

4 Ibidem, p.12.

5 LAROCHE, P. *Petits-maitres et roués. Évolution de la notion de libertinage dans le roman français du XVIIIe siècle*, p.1.

Também no *Dictionário de Trévoux*, numa citação datada de 1585, temos uma definição para a palavra associada à rebeldia religiosa. Libertino é aquele “*qui ne saurait s’assujétir aux lois de la religion, soit pour la croyance, soit pour la pratique*”.⁶

É interessante observar que esta rebeldia coincide e se desenvolve com o clima religioso reformista da época. A partir de 1530, o mundo cristão, até então aparentemente uno e coeso, vê-se fragmentado pelo movimento da Reforma. Mais do que uma ruptura, o movimento foi uma verdadeira revolução religiosa, pois, ao romper com o universalismo de Roma e ocasionar a cisão entre católicos e protestantes, a Reforma favoreceu o surgimento de grupos que, por não se situarem em nenhum dos dois lados, preferiram preservar o direito e a liberdade de poder crer e julgar segundo seus próprios princípios. Combatidos por serem considerados diabólicos, estes homens serão chamados de acristos, de ateus e de libertinos. Alguns blasfemam e todos desprezam as cerimônias religiosas e as promessas de felicidade pós-morte. Como afirma Claude Reichler: “*le sujet délivré des chimères et des doctrines, ne s’autorise que de lui-même, dans une affirmation de soi éclatante pour être et pour vouloir*”.⁷

No final do século XVI, o **libertino** é, assim, o “*libre penseur*” que no dizer de Charron, em seu tratado *La Sagesse*: “*fera au dehors d’une façon et jugera autrement au dedans, jouera un rôle devant le monde et un autre en son esprit; il le doit faire ainsi pour garder justice partout*”⁸. Notamos, portanto, no final desse século que um outro deslizamento de sentido ocorre. A palavra que até então significava homem liberto, liberado e livre, exprime, agora, homem esclarecido, isto é, homem de espírito livre.

Mas, mesmo sem desafiar abertamente a lei e a ordem, alguns desses homens serão sacrificados, tais como Geoffroy Vallée, contemporâneo de Ronsard, condenado em 1574 pela desordem de sua vida e Vanini, em 1619, por ser ateu e blasfemo do nome de Deus. Por isso, o medo da punição exigirá do libertino do século XVII uma mudança de comportamento.

Pintard⁹ situa em 1615 o aparecimento de um movimento libertino, já com algum nível de organização, o que coincide com o início de centralização do poder de Louis XIII e Richelieu. Os partidários desse movimento dão especial atenção à relação homem/natureza e ao espírito livre, desvinculado de qualquer rito religioso. Surge, nesta fase, a noção de grupo que será a grande originalidade do livro de Laclous, onde os protagonistas Merteuil e Valmont associam-se, através de uma espécie de pacto, e passam a agir em grupo.

6 PINHAS-DELPUECH, R. “DE l’affranchi au libertin, les avatars d’un mot”. In: *Eros Philosophe. Discours libertins des lumières*, p. 13.

7 REICHLER, C. *L’âge libertin*, p.16.

8 TENENTIA, A. “Milieu XVIe, Début XVIIe. Libertinage et Hérésie”. In: *Annales*, janvier / février 1963, n° 1, p.14.

9 PINTARD, R. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*. Paris, 1943. Citado por PINHAS-DELPUECH, R. “DE l’affranchi au libertin, les avatars d’un mot”. In: *Eros Philosophe. Discours libertins des lumières*, p.15.

O grupo mais famoso, no início do século XVII, intitulava-se *Confrérie de la Bouteille* e reunia, entre outros, Théophile de Viau e Jacques Vallée des Barreaux, também chamado “Illustre débauché” ou “Prince des libertins”.

A morte de Louis XIII, a pressão político-religiosa e a consolidação da sociedade da corte iniciam a transformação do conceito de libertinagem, que chegará ao século XVIII bastante modificado. A máscara faz sua aparição e se impõe como forma de conduta. O mundo passa a ser visto como um grande teatro. No palco, diante do público, há representação e simulação, mas atrás das cortinas conserva-se o espaço para a liberdade de pensamento. Assim, em relação à sociedade, o libertino é, agora, um ser duplo: livre e submisso.

Essa libertinagem mascarada caracteriza o que poderíamos chamar de “libertin honnête”. O dicionário de Richelet (1690) cita como definição para este tipo de libertinagem: “coquin, débauché, qui suit sa pente naturelle sans s’écarter de l’honnêteté”¹⁰. Entretanto, mesmo tentando preservar o caráter moral da libertinagem, o século XVII verá surgir as primeiras alusões aos hábitos depravados. O primeiro dicionário francês-inglês, de Cotgrave, publicado em 1611, traduz libertinagem por “épicurism, sensualitie, licentiousnesse, dissolutenesse”¹¹. Isso ocorre porque, pressionadas pela reação político-religiosa, as reivindicações da antiga acepção de libertinagem (livre pensador) serão desviadas de seu projeto inicial. Aceitando a máscara, a libertinagem começa a fazer o jogo do poder e se transforma, pouco a pouco, de libertária em libertina¹².

Na segunda metade do século XVII, em 1661, Louis XIV assume o poder. O Rei-Sol consegue, reunindo os nobres em Versalhes e afastando-os de suas terras e de suas propriedades, domesticar a nobreza contestadora, convidando-a a uma vida de ociosidade, onde o prazer da ação será substituído pelo prazer de se mostrar e de ser visto, nas festas, nas óperas, nos teatros. Transformando a Corte em espetáculo, Louis XIV faz do luxo, da ostentação, das vestimentas e da preocupação de estar sempre “em evidência” a nova identidade desse novo homem que se impõe - o homem da Corte. A galanteria torna-se profissão, a máscara enraíza-se e a hipocrisia se afirma. No teatro é a época de *Tartuffe* e de *Dom Juan* que já começam a utilizar o véu do cinismo que revestirá, mais tarde, os rostos de Valmont e de Merteuil.¹³

Então, afastando-se de suas origens, a palavra desvirtua-se e um outro deslizamento de sentido ocorre. Libertino adquire, agora, o sentido de comportamento moral. Por isso, no final do século, pensadores respeitados tentarão reabilitar a palavra. Père Bouhours escreve, em 1692, em *Remarques Nouvelles sur la langue française*:

10 DELMAS, A e Y. *A la recherche des Liaisons dangereuses*, p.337.

11 PINHAS-DELPUECH, R. “De l’affranchi au libertin, les avatars d’un mot” In: *Eros Philosophe. Discours libertins des lumières*, p. 13.

12 (cf.) REICHELER, C. *L’âge libertin*, p.17.

13 PINHAS-DELPUECH, R. “De l’affranchi au libertin, les avatars d’un mot”. In: *Eros Philosophe. Discours libertins des lumières*, p.19. “Pendant quatre actes, Don Juan est libertin, à la façon du XVIIe siècle: il ne croit pas et ne s’en cache pas, il est infidèle et ne s’entoure pas de précautions (...). Mais à partir de l’acte V, dans son long plaidoyer pour l’hypocrisie, Don Juan parle déjà avec le cynisme des Valmont et des Merteuil”.

(...) on dira d'un homme de bien qui ne saurait se gêner et qui est ennemi de tout ce qui s'appelle servitude: il est libertin (...). Une honnête femme dira même d'elle jusqu'à s'en faire honneur: je suis née libertine. Libertin et libertine, en ces endroits, ont un bon sens et une signification délicate¹⁴.

Mas essa tentativa fracassa e o final do século XVII confundirá no libertino três tipos diferentes de comportamento:

(...) est libertin ce qui s'écarte de la règle morale, notamment dans l'ordre sexuel; est libertin ce qui manifeste un refus des règles de pensée et de croyance qui sont dans l'ordre religieux; est libertin enfin ce qui marque une indépendance politique, sociale, comportementale: quelque chose comme une **attitude libertaire** (grifo meu)¹⁵

Para preservar a corrente séria da libertinagem, a *Encyclopédia* separará "pensamento livre" de "libertino"; isto é, "libertinagem de idéia" de "libertinagem de costumes". Segundo Miguel Benitez: "Une réputation douteuse nuit à l'argument le plus solide".¹⁶

No final do século XVII uma cisão ocorre no movimento. Gassendi, La Mothe le Vayer e Diodati passam a ser chamados de libertinos eruditos e usam a liberdade de idéias para edificar uma ordem livre, fundada na razão, que se oporá ao reino sobrenatural onde a superstição domina. Pregando o pensamento não tutelado e tendo por objetivo a criação de um mundo livre e virtuoso, a libertinagem séria afasta-se da outra, menos séria, como afirma Rosy Pinhas-Delpuech: "(...) le mot 'libertin' demeure, mais il désigne deux objets qui s'excluent: Gassendi et Jacques Vallée des Barreaux (...); l'un s'appelle 'philosophe'; (...) l'autre 'libertin'"¹⁷.

Mais do que um novo deslizamento de sentido, ocorre, neste final de século, uma verdadeira cisão que colocará em campos opostos "o libertino erudito" e o "libertino de costumes". Mas, apesar do afastamento, a ideologia libertina manterá um discurso próximo do discurso dos filósofos enciclopedistas - conhecer para agir. A diferença ocorrerá por conta da ação e da prática discursiva que os afastará irremediavelmente.

Sergio Paulo Rouanet¹⁸ reuniu em quatro eixos principais - liberdade, igualdade, religião e moral - o choque entre a prática filosófica e a prática libertina.

Ambos (filósofos e libertinos) pregam a **liberdade**. Para os filósofos das Luzes, porém, a liberdade é essencialmente a possibilidade de instauração de uma ordem livre, fundada na razão. Para os libertinos, ao contrário, a liberdade, centrada no campo da sexualidade, visa, em última instância, a tirania de um só: a tirania do libertino.

A **igualdade social**, com a mudança na estrutura da propriedade privada, e a igualdade entre os sexos, com o uso livre do corpo para homens e

14 Ibidem, p.14.

15 SEGUIN, J-P. "Les bijoux indiscrets, discours libertins et roman de liberté?". In: *Eros Philosophe. Discours libertins des lumières*, p. 41.

16 BENITEZ, M. "Philosophes et libertins: le cas Durey de Morsan". In: *Eros Philosophe. Discours libertins des lumières*, p. 21.

17 PINHAS-DELPUECH, R. "De l'affranchi au libertin, les avatars d'un mot". In: *Eros Philosophe. Discours libertins des lumières*, p. 20.

18 ROUANET, S.P. Em conferência realizada pela FUNARTE/Núcleo de Estudos e Pesquisas 1989, Curso Livre intitulado *O Desejo*.

mulheres, tão perseguidas pela maioria dos intelectuais iluministas, do século XVIII, serão vividas pelo *roué* (libertino do final do século XVIII), transformando as mulheres em objetos de prazer, igualando-as, de fato, mas diante do desejo perverso do sedutor. A igualdade social não será discutida, o libertino só lida entre pares.

Em lugar de combater a **Deus**, como farão os filósofos que desejavam com a morte da divindade colocar o destino dos homens nas mãos dos homens, os libertinos iluministas querem tomar o seu lugar. Querem ser Deus, um Deus muito amado e reverenciado por seus seguidores: "*Me voilà comme la Divinité; recevant les vœux opposés des aveugles mortels, et ne changeant rien à mes décrets immuables*" (LD, carta LXIII).

No que diz respeito à **moral**, enquanto os filósofos privilegiam a natureza, inscrevendo nela o fundamento da moralidade -o que é natural é moral -, os libertinos pervertem o sentido de moral natural e afirmam: nada é imoral. Assim, de transgressão em transgressão, os libertinos acabam por subverter a subversão filosófica, desvirtuando suas premissas e trazendo para o seio de uma postura libertária uma concepção desconcertante de liberdade, que se confunde com libertinagem e adquire, no século XVIII, a configuração de um jogo, jogo cuja finalidade é preencher uma existência inútil e vazia. Os nobres libertinos, do século das Luzes, continuam a levar uma vida de sonhos, cercada de privilégios, mas, agora, para a grande maioria deles, essa vida é profundamente inativa e só na sedução podem buscar as glórias que outrora, com as vitórias nas guerras de conquista, eram reservadas a seus pares¹⁹.

Após a morte de Louis XIV, em 1715, teremos na França um longo período de liberação de costumes - da regência de Philippe d'Orléans até o final do reinado de Louis XV - época em que as favoritas dominam a Corte. No reinado de Louis XVI, a libertinagem se re-dissimula, mas não desaparece, ao contrário, mascarada, ela aperfeiçoa seus métodos.

Philippe Laroch, em seu livro *Petits-mâitres et roués. Évolution de la notion de libertinage dans le roman français du XVIIIe siècle*, classifica os libertinos do século das Luzes em três grandes grupos: os *apprentis*, jovens que se iniciam no mundo da sensualidade e encontram o prazer numa relação a dois. É o que Mauzi, em seu livro *L'idée du bonheur dans la littérature et la pensée française au XVIIIe siècle*, chama de libertinagem de *bon ton* ou de *bonne compagnie*. Mas as sucessivas experiências amorosas saturam; por isso, é uma fase passageira. Geralmente, após algumas aventuras, eles se casam com uma mulher pura e virtuosa. Os *petis-mâitres*, chamados por Molière de *talons rouges*, são libertinos que só desejam seduzir e ser admirados pelas mulheres. Encontram na *petite-mâitresse* o par perfeito para o jogo da sedução. É, ainda, uma libertinagem inconstante, pois não há vítimas, todos, homens e mulheres, participam alegremente e sem ilusões desse jogo

19 VAILLAND, R. *La clos*, p.55. "*Le libertinage (...) pratiqué dans la seconde moitié du XVIIIe, mime théâtralement le défi que l'héroïque libertin des XVIe et XVIIe siècles portait à Dieu, à l'autel et au trône*".

social. Finalmente, os *roués*²⁰ que, ao contrário, são libertinos agressivos e se vingam das mulheres tornando públicas suas aventuras. O termo *roué* está associado ao suplicio da *roue* (roda), sacrifício infligido aos libertinos no século XVII. Foi após a morte de Louis XIV que os libertinos passaram a ser assim chamados e a palavra *roué* designou os companheiros do Regente que respeitavam cada vez menos as regras mundanas que exigiam a privacidade das aventuras.

É interessante assinalar, também, que a libertinagem feminina existia e não era condenada pela nobreza. As senhoras nobres possuíam *"un amant comme un meuble d'usage, c'est à dire, de mode"* nos diz Laroch²¹. Esse comportamento não representava nenhuma ameaça às mulheres casadas que, inclusive, eram, quase sempre, apoiadas por seus maridos que preferiam ver um apaixonado rondando a casa do que vários. Entretanto, o escândalo e a conseqüente desonra pública eram inadmissíveis. Como afirma Mauzi: *"Pour qu'une telle situation devienne libertine, il suffit que quelqu'un s'en empare et la divulgue"*²² É o que fará o *roué*, trocando o jogo da sedução pelo jogo da guerra, transformando, assim, o glamouroso jogo social em luta.

O *roué* avança por etapas. Roger Vailland²³ classificou-as em quatro categorias: **escolha da vítima**, que deve ser de preferência casada, fiel a seu marido, religiosa e bondosa; **sedução ou caça**, momento de encantamento em que a vítima se sente rainha de um coração volúvel; **queda**, etapa que sucede à conquista, onde o amor do conquistado é respondido com a indiferença do conquistador; e **ruptura**, instante ansiosamente esperado, porque a glória do libertino se faz a partir do espetáculo provocado por rompimentos sucessivos. O grande perigo que ronda o libertino, no decorrer do processo, é definido por Diderot em seu livro *Paradoxe sur le comédien*: não se deixar apanhar no próprio jogo, ou seja, não esquecer que é um personagem, essa é a grande recomendação.

No comportamento dos *roués*, a emoção e o desejo cedem lugar à vaidade e à vontade de dominar. O prazer é substituído pela reputação de invencível. Seduzir, neste caso, adquire a dimensão de destino: *"conquérir est notre destin "* (LD, carta IV) dirá Valmont a sua cúmplice. Embora não reflita mais o clima descontraído do jogo social, o *roué* conserva socialmente as maneiras galantes que encobrem suas verdadeiras intenções, por isso, será recebido em todos os salões.

20 (Cf) MEZAN, R. "Mille e quatro, mille e cinque, mille e sei. Novas espirais da sedução". In: *A sedução e suas máscaras*. De onde foram tiradas algumas idéias para compor essa nota. O *roué* conserva, de seus antecessores libertinos, o espírito de revolta contra a ordem estabelecida, a paixão pelas listas (no seu caso são valorizadas as conquistas com obstáculos), o cinismo, a elegância na arte da caça. Mas marca sua especificidade pelas vitórias difíceis (algumas mulheres, principalmente as solteiras, são recusadas); pela perfeição do cálculo (conhece a relação entre a fraqueza da vítima e o meio empregado para abatê-la); pela precisão na montagem de armadilhas (esperta, desvia cartas, falsifica caligrafias, compra silêncios, mas nunca se traveste para se fazer passar por noivos ou maridos); e, finalmente, pela publicidade que dá a suas aventuras, geralmente acompanhadas de rupturas escandalosas. O *roué* é o sedutor por excelência, hábil no manejo das palavras, sua verdadeira paixão é o personagem que representa, cultua sua imagem.

21 LAROCHE, P. *Petits-maitres et roués. Évolution de la notion de libertinage dans le roman français du XVIIIe siècle*, p. 8.

22 MAUZI, R. *L'idée du bonheur dans la littérature et la pensée française au XVIIIe siècle*, p. 31.

23 VAILLAND, R. *Laclos*. Paris, Seuil, 1953.

Valmont, em *Les Liaisons dangereuses*, tenta situar-se entre o *petit maître* e o *roué*, ou no dizer de Philippe Laroche: “*un petit-maître brillant et un roué hésitant*”²⁴ Mas, no decorrer do romance, abandona o perfil de “*homme à succès*” que possuía no tempo de sua relação com a Marquesa, e aceita o esboço de seu novo rosto que começa a ganhar forma a partir do momento em que rompe com a devota Tourvel e a condena à morte, por sofrimento moral irreparável.

O interesse deste trabalho volta-se, então, para a libertinagem espetáculo que, no século XVIII, muda de tática mudando de conduta. A Marquesa e o Visconde, autênticos representantes desta última geração libertina, querem dominar a afetividade e vencer o acaso. Desejam o impossível: tornarem-se donos de seus destinos e, assim, atingir o poder absoluto. Mas, para essa gigantesca tarefa, não lhes basta conhecerem-se a si mesmos, precisam mais, precisam conhecer e dominar o outro. Sartre em *L'Être et le Néant* afirma: “*Les Liaisons dangereuses... nous livrent une connaissance pratique de l'autre et l'art d'agir sur lui*”²⁵. É justamente esse desejo de querer manipular e determinar o destino do outro que torna perigosa a energia que emana deles.

Merteuil e Valmont buscam a felicidade, mas trata-se da busca de uma realização estritamente pessoal, profundamente egoísta e desvinculada de qualquer compromisso com o outro, busca, aliás, em que a vontade de acumular vitórias ergue-se como uma muralha contra a paixão. Assim, no grande combate a ser travado pelos libertinos do final do século XVIII, o inimigo terrível é o amor. Por isso, o parceiro precisa ser transformado em “*momento de prazer*” e entrar em circulação ininterrupta e vertiginosa.

Se a tentativa falha, se os brilhantes protagonistas de *Les Liaisons dangereuses* fracassam, é porque brilho em profusão não ilumina, ofusca e não deixa ver a queda livre que já se anuncia nas primeiras cartas do romance: “*Revenez mon cher Vicomte, revenez*” (LD, carta II) e “*Vos ordres sont charmants; votre façon de les donner est plus aimable encore (...). Ce n'est pas la première fois, (...), que je regrette de ne plus être votre esclave*” (LD, carta IV).

Há, talvez, na obra, uma crítica sutil ao ideal de visibilidade completa própria à Ilustração, matriz do iluminismo²⁶. Ideal este muito presente, em seu

24 LAROCH, P. *Petits-maîtres et roués...*, p. 335.

25 SARTRE, J.P. *L'Être et le Néant*. Citado por DELMAS, A e Y. *A la recherche des Liaisons dangereuses*, p. 49

26 ROUANET, S.P. Em *O Olhar*, p.138. “A Ilustração é a matriz do Iluminismo, mas não se confunde com ele (...), o ideal ilustrado da visibilidade completa não é isento de uma certa ambigüidade. Ele é emancipatório quando significa que não há interdições a priori nem santuários de invisibilidade que criem privilégios contra o olhar, mas tem algo de inquietante quando pressupõe o desaparecimento de todos os nichos de intimidade pessoal e a extinção das fronteiras entre esfera privada e pública. É emancipatório quando significa observar o poder, para desmascará-lo, não quando significa observar os homens, para submetê-los ao poder (...). A Ilustração continha essas duas vertentes, pelo menos potencialmente. (...) O Iluminismo assumiria como próprio o ideal de visibilidade, mas depurando-o de sua vertente repressiva.

Somente, nada garante que essas duas vertentes sejam dissociáveis, nem sequer que o ideal de visibilidade ainda contenha, hoje em dia, um vetor emancipatório. Afinal, o homem moderno aprendeu, depois dos holofotes de Auschwitz e da luz neon da indústria cultural, que nem sempre a claridade liberta. A luminosidade excessiva é ofuscação, que induz à cegueira. É a hiperiluminação a que nos expõe a tecnociência informatizada, em que tudo é visível, em que desaparece a dimensão da interioridade, em que não há mais cena, mas obscenidade nas palavras de Baudrillard ...”

aspecto perigoso, nas propostas libertinas dos *roués* que têm como pontos fundamentais o jogo do olhar e o poder sobre esse olhar que, dirigido à vítima, seduz, atrai, deslumbra e cativa, mas também queima e mata. A luminosidade excessiva, esfumaçando os limites entre o eu e o outro, destrói o seduzido e cega o sedutor, levando-o, irremediavelmente, à desmedida, à loucura e à morte.

Laclos e Sade fecham o ciclo do romance libertino. Após a revolução francesa, com a implantação de uma ordem burguesa, a libertinagem mundana como sistema de vida desaparece. A moral da burguesia com seu sentido de respeito à ordem, à família e aos bons costumes a faz submergir. Existe, nessa nova ética que se impõe ao poder, uma impossibilidade absoluta de ser libertina. O burguês, ao contrário do nobre que recebe o futuro pronto, precisa trabalhar para viver e construir sua fortuna. Quer deixar para os filhos o que muitas vezes não recebeu e, para isso, só há um caminho: trabalho, lucro e investimento. Ele também aprecia, como afirma Renato Janine Ribeiro²⁷, a estrutura plural, também é colecionador, como os libertinos, mas de moedas e não de glórias nas alcovas, até porque estas não podem ser deixadas como herança.

Dessacralizando, assim, a glória improdutiva dos libertinos e sacralizando em seu lugar o acúmulo do patrimônio material, o burguês, sem ascendência, lança-se em direção à descendência e faz do casamento, da família e dos filhos valores estáveis e seguros onde, pelo sangue, é possível a preservação e o crescimento deste novo valor: o lucro. Conseqüentemente, só será libertino, na sociedade burguesa, aquele que não sabe honrar a moral de sua gente, ou seja, aquele que despreza um mundo voltado para o trabalho, a produção e a família, por isso, esse homem não merece ser reverenciado.

Referências Bibliográficas

1. BENITEZ, Miguel. Philosophes et libertins: le cas Durey de Morsan. In: *Eros Philosophe. Discours libertins des lumières*, Paris: Honoré Champion, 1984.
2. DELMAS, A et Y. *A la recherche des Liaisons dangereuses*. Paris: Mercure de France, 1964.
3. LACLOS, Choderlos de. *Les Liaisons dangereuses*. Paris: Librairie Générale Française, 1987.
4. LAROCHE, Philippe. *Petits-maitres et roués. Évolution de la notion de libertinage dans le roman français du XVIIIe siècle*. Québec: Presses de l'Université de Laval, 1979
5. MEZAN, Renato. Mille e quattro, mille e cinque, mille e sei. In: *A sedução e suas máscaras. Ensaio sobre Don Juan*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
6. MAUZI, Robert. *L'idée du bonheur dans la littérature et la pensée française au XVIIIe siècle*. Paris: Armand Colin, 1965.

27 RIBEIRO, R.J. *Ao leitor sem medo*, p. 57.

7. PINHAS-DELPUECH, Rosy. De l'affranchi au libertin, les avatars d'un mot. In: *Eros Philosophe. Discours libertins des lumières*. Paris: Honoré Champion, 1984.
8. REICHLER, Claude. *L'âge libertin*. Paris: Minuit, 1987.
9. ROUANET, Sérgio Paulo. Conferências realizadas pela FUNARTE/ Núcleo de Estudos e Pesquisas e publicadas In: *O Olhar e O Desejo*, em 1989 e 1990.
10. SEGUIN, Jean-Pierre. Les bijoux indiscrets, discours libertins et roman de la liberté? In: *Eros Philosophe. Discours libertins des lumières*. Paris: Honoré Champion, 1984.
11. TENENTI, Albert. Milieu XVIe, début XVIIe. Libertinisme et Hérésie. In: *Annales*. Janvier/février. 1963, n° 1, p.1-19.
12. VAILLAND, Roger. *Laclos*. Paris: Seuil, 1953.